

Entre incertezas e divergências: a ciência e a avaliação do risco

Maria Eduarda Gonçalves, Ana Delicado, Helder Raposo

Os portugueses e os novos riscos

Maria Eduarda Gonçalves (coordenadora), Ana Delicado,
Cristiana Bastos, Helder Raposo, Mafalda Rodrigues

Capítulo 4 (pp. 107-137)

Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; 2007.

(Estudos e Investigações; 45)

ISBN 978-972-671-205-3

O risco é uma das áreas em que é mais evidente a primazia dos sistemas periciais nas sociedades contemporâneas. Viver em “sociedades de risco” só é sustentável quando há confiança na competência dos peritos e na autenticidade do conhecimento especializado, como garantia de minimização do risco. Hoje em dia, as sociedades encontram-se, com efeito, na dependência dos peritos científicos e dos “órgãos sensórios” da ciência (instrumentos, técnicas) para a identificação dos riscos modernos, que são em grande parte inacessíveis à Percepção humana.

Nesta matéria, a ciência não é, porém, isenta de ambiguidades e questionamentos críticos. Não obstante estar na base do conhecimento que “certifica” os riscos, o monopólio da ciência como fonte do saber tende a ser posto em causa. Por um lado, a ciência é “dessacralizada” ao aparecer configurada não só como fonte de soluções, mas também como causa de impactes gravosos e, nessa medida, como “problema social”. Por outro lado, a ciência confronta-se com a concorrência de outras racionalidades que reflectem diferentes objectivos e pontos de vista. Torna-se, assim, patente o contraste e por vezes mesmo o antagonismo entre as avaliações de peritos e as percepções do público sobre o risco. Reconhecem-se, além disso, as incertezas e controvérsias que atravessam a produção do saber e do parecer científico e toma-se consciência de que estes não são absolutamente objectivos nem neutros, mas antes condicionados por valores e interesses profissionais, institucionais e, inclusive, pessoais.